Narrativas da memória da trajetória profissional, na interseção do gênero e da geração[1]

Memory narratives of professional trajectories at the intersection of gender and generation

Carolina Castellitti
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Rio de Janeiro, RJ
castellittic@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-3843-4296

Recebido em: 29 de março de 2026
Aceito em: 29 de agosto de 2026

[1] Este artigo foi produzido com apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), por meio de Bolsa de Apoio Básico à Pesquisa (APQ1).

Resumo:

Este artigo analisa as narrativas da memória sobre a escolha profissional de mulheres que atuaram como comissárias de bordo da Varig, compreendendo-as como um espaço de negociação entre gênero, família e projeto de vida. A partir de entrevistas biográficas e observação participante, examina-se como essas trajetórias são construídas retrospectivamente por meio da articulação entre acaso, transmissão transgeracional e processos de desenraizamento. Os relatos evidenciam que a escolha profissional não se apresenta como decisão individual previamente definida, mas como resultado de encontros, influências familiares – especialmente das mães – e deslocamentos associados à inserção na vida urbana. Inspirado no conceito de narrativas da memória, o artigo destaca o caráter intersubjetivo e processual dessas construções, nas quais experiências são reinterpretadas à luz de contextos históricos e sociais mais amplos. Ao articular memória, gênero e trajetória, contribui para os debates sobre a construção social das escolhas profissionais e sobre as experiências e narrativas de mulheres em contextos urbanos contemporâneos.

Palavras-chave: Narrativas da Memória. Trajetória Profissional. Gênero. Geração.

Abstract:

This article analyzes memory narratives about the professional choices of women who worked as flight attendants for Varig, understanding them as a space of negotiation between gender, family, and life projects. Based on biographical interviews and participant observation, it examines how these trajectories are retrospectively constructed through the articulation of chance, intergenerational transmission, and processes of mobility. The accounts show that career choice does not appear as a previously defined individual decision, but rather as the result of encounters, family influences—especially from mothers—and displacements associated with insertion into urban life. Drawing on the concept of memory narratives, the article highlights the intersubjective and processual character of these constructions, in which experiences are reinterpreted in light of broader historical and social contexts. By articulating memory, gender, and trajectory, the article contributes to debates on the social construction of professional choices and on women's experiences and narratives in contemporary urban contexts.

Keywords: Memory Narratives. Professional Trajectories. Gender. Generation.

Introdução

O objetivo deste artigo é revisitar um material produzido para minha tese de doutorado em Antropologia Social, defendida em 2018 no Museu Nacional (UFRJ) e publicada em versão adaptada em 2021 (Castellitti, 2021), para indagar, de forma antropológica, os entrecruzamentos entre narrativas da memória, trajetórias profissionais, gênero e geração. O trabalho de campo, que visava indagar as trajetórias de vida das comissárias de bordo da extinta Varig[2] no quadro dos processos de individualização feminina no mundo urbano contemporâneo, foi realizado principalmente entre 2015 e 2017 na cidade do Rio de Janeiro, consistindo em entrevistas de tipo biográfico com mulheres que foram comissárias da Varig desde finais dos anos 1970, até o encerramento das atividades da companhia, em agosto de 2006. Na época, realizei também observação participante em diferentes eventos que congregavam essas mulheres e outros colegas, como protestos, comemorações de aniversários e uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) instalada na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj) em 2017 para investigar irregularidades na venda da companhia aérea. Tive a oportunidade de dar continuidade a essa pesquisa em um pós-doutorado realizado entre 2021 e 2023, onde me debrucei sobre a relação entre carreira, tempo, memória e cultura material a partir das práticas de colecionamento exercidas sobre o legado material da Varig[3].

Umas breves notas teóricas sobre relatos de vida, trajetórias e narrativas da memória permitirão jogar algo de luz nas interpretações propostas, que em cada seção do artigo serão inspiradas e provocadas por meio de fragmentos das entrevistas

[2] A Varig (Viação Aérea Rio-Grandense) foi uma companhia aérea brasileira fundada pelo imigrante alemão Otto Ernst Meyer em 1927, em Porto Alegre (RS). Entre as décadas de 1950 e 1980, consolidou-se como líder no setor, operando rotas internacionais para a América, Europa, África e Ásia, com aeronaves como os Lockheed Constellation e Douglas DC-6, seguidos pelos Boeing 707, Sud Aviation Caravelle, Douglas DC-10 e Boeing 747. Seus principais centros operacionais funcionaram no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde ainda hoje reside grande parte de seus ex-funcionários. A partir do final dos anos 1990, a empresa acumulou dívidas que levaram à recuperação judicial em 2005 e ao leilão de grande parte de sua estrutura em 2006. Nesse processo, ocorreram demissões em massa e a paralisação quase total das operações, embora a falência definitiva tenha sido decretada apenas em 2010. Os funcionários foram diretamente afetados, com salários atrasados não pagos e descumprimento de direitos trabalhistas, agravados pela intervenção no fundo de previdência Aerus. Depois de anos de organização e luta, nos anos recentes tem recebido alguma parcela referente aos créditos trabalhistas não cumpridos em razão da falência.

[3] Projeto intitulado “Os museus que habitam em nós: práticas de colecionamento, carreiras e rupturas biográficas”, financiado com Bolsa de Pós-doutorado “Nota 10” da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

gravadas[4]. Para Daniel Bertaux, as entrevistas narrativas são aquelas que possibilitam a construção de *relatos de vida*, e consistem em uma forma particular de entrevista produzida a partir do encontro entre um pesquisador e um sujeito, ao qual lhe é solicitado que faça um relato de toda ou uma parte de sua experiência vivida (Bertaux, 2010: 10). Essa concepção parte de uma perspectiva que o autor denomina *etnosociológica*, orientada para as realidades práticas e materiais, políticas e sociais, e cuja finalidade é estudar um segmento particular da realidade sócio histórica. Aderindo a uma concepção predominante na França sobre a distinção entre antropologia e sociologia, Bertaux define a perspectiva etnosociológica como a combinação de uma percepção etnográfica do campo, com uma visão sociológica das questões examinadas e da construção dos objetos estudados. Os dados construídos a partir da perceptiva etnosociológica aproximam-se, segundo o autor, do que Clifford Geertz chamou *thick description*: uma descrição densa do objeto social que considera as configurações internas das relações sociais, suas relações de poder, suas tensões, seus produtos de reprodução permanente e suas dinâmicas de transformação.

Segundo essa perspectiva, os relatos de vida constituem vias adequadas para o estudo de mundos sociais, categorias de situação e trajetórias. As trajetórias, em um sentido que adotei na pesquisa, são entendidas como tipos de percursos biográficos definidos em relação a um mundo social ou a uma categoria de situação. Em relação às trajetórias profissionais, especificamente, na medida em que as condutas são apreendidas em sua duração, as entrevistas permitem deduzir os tipos de condutas valorizadas ou desvalorizadas, seja pelos colegas de trabalho, seja pela direção da empresa; isso deriva, não somente em uma melhor compreensão das lógicas de promoção e marginalização, mas também da economia moral que caracteriza uma empresa ou organização.

Ao fazer um relato, a produção discursiva do sujeito assume a forma narrativa. Afastamo-nos de uma visão ingênua do discurso como transparente ou inócuo, assumindo que existem mediações subjetivas entre a experiência vivida e sua construção narrativa. Como observa Meccia (2016), diferentemente das crônicas, as

[4] Adotei o uso de pseudônimos na tese, embora minhas interlocutoras sempre afirmassem que não se incomodavam com o uso dos seus nomes verdadeiros, já que "não se arrependiam de nada do que tinham falado". Para a publicação do livro, considerando esse desejo de testemunho, solicitei a elas a assinatura de um termo de compromisso para utilizar os nomes reais. A maioria concordou. Assim, neste artigo utilizo os nomes verdadeiros daquelas que me autorizaram por meio da assinatura do termo.

narrativas contêm interpretações dos fatos e valorações; emergem a partir de um ponto de vista e são resultados de uma seleção. No entanto, se elas sempre contêm algo de ficção, não são ficções literárias, mas, em todo caso, ficções necessárias: uma atividade cotidiana que não supõe uma imitação representativa da realidade, mas menos ainda uma criação arbitrária, *ex nihilo* (Meccia, 2016: 47).

Por fim, é importante considerar que os relatos de vida produzidos para esta pesquisa aconteceram ao redor de dez anos depois de que a Varig, empresa onde as mulheres entrevistadas desempenharam grande parte de sua trajetória profissional, fechasse suas portas. É por isso que a análise proposta também se enriquece dos debates em torno ao conceito de memória e, mais especificamente – e como discussão teórica original para este artigo –, nos inspiramos no conceito de *narrativas da memória* (Arfuch, 2023). Pensando sobretudo no caso das memórias traumáticas da última ditadura militar na Argentina e no Chile, por meio do conceito de narrativas da memória Arfuch nos instiga analítica e eticamente a nos determos perante o terreno delicado que supõe a escuta, como escuta atenta e gesto de disposição para o outro. Trata-se de uma perspectiva sensível à dimensão enunciativa do discurso em quanto ato de tomar a palavra, que acontece sempre em campos de força em disputa. Na concepção de Arfuch, a subjetividade da linguagem é sempre intersubjetividade, e "a instancia da enunciação é, também, o momento no qual a multiplicidade do sujeito se articula fugazmente numa unidade originária" (Arfuch, 2023: 70).

O artigo está organizado em três seções. Na primeira, analiso o papel do acaso nas narrativas da escolha profissional, mostrando como eventos aparentemente fortuitos são retrospectivamente investidos de sentido. Na segunda, examino a dimensão familiar dessas trajetórias, com ênfase na transmissão transgeracional e no papel das mães na orientação e viabilização das escolhas. Por fim, discuto os processos de desenraizamento e mobilidade que acompanham o ingresso na carreira, explorando como a saída do espaço doméstico e a construção de novos pertencimentos reconfiguram essas trajetórias. Recuperando fragmentos das entrevistas e notas de campo sobre nossos encontros, as memórias sobre a escolha profissional emergem como um espaço de negociação entre gênero, família e projeto de vida. Dialogando com contribuições da antropologia urbana e da sociologia, a análise procura contribuir na discussão antropológica das condições de construção da pessoa no âmbito da cultura ocidental moderna.

Sobre o acaso na descoberta da profissão

As narrativas sobre a escolha profissional revelam um ponto de entrada privilegiado para compreender como memória, trajetória e relações familiares se articulam nos relatos de mulheres de camadas médias urbanas. Como apontou Gilberto Velho, em sociedades complexas "a divisão social do trabalho é o motor principal da especialização e do surgimento das tarefas, carreiras, profissões, atividades e papeis que aumentam numericamente e ampliam, qualitativamente, o quadro de alternativas" (Velho, 1995: 229). Assim, falar sobre o trabalho, ponderar as escolhas dentro das alternativas possíveis (o campo de possibilidades em que nos movemos com margem de manobra limitada) e desvendar as fortunas dos destinos profissionais configuram dimensões constitutivas da subjetividade contemporânea.

Em minha pesquisa, quando comecei indagando os motivos da escolha profissional, imaginando que ser "aeromoça" era um sonho cultivado desde a infância, me surpreendi com o papel atribuído a eventos que seriam mais da ordem do fortuito ou da coincidência. Procurando interpretar essas alusões, encontrei um artigo de Mariza Peirano de 1992 dedicado ao tema do *acaso*, onde coloca que essa inquietude teria invadido o cotidiano intelectualizado da sociedade urbana ocidental, "apesar (ou por causa) de todos os postulados cientificistas que nos rondam: a crença na previsibilidade, a ideia de progresso e de desenvolvimento, os milagres da ciência" (Peirano, 1992: 12). Como também colocam Rocha e Eckert (2009), para superar uma interpretação substancialista da realidade social é necessário abandonar a perspectiva de que nas modernas sociedades complexas os fenômenos da construção de identidades e da elaboração de projetos sociais resultam da pura causalidade da matéria de um passado.

Percorrendo algumas tentativas importantes de nossas disciplinas de lidar com a indeterminação e a coincidência, no citado texto Peirano recorre à clássica etnografia de Evans-Pritchard sobre os Azande, e vai refletir que invocar o acaso nas análises antropológicas significaria incluir a nossa versão da bruxaria Zande, matizando assim a visão de mundo ocidental clássica, presa na tensão entre um destino preestabelecido e a vontade individual. Aproximando os discursos dos seus interlocutores das explicações dos Azande sobre as "coincidências indesejáveis", Peirano evoca duas figuras heurísticas interessantes que podem contribuir para interpretar os sentidos do acaso nos discursos da escolha da carreira. Por um lado, tem o que Ricoeur chamou de *eventos*

fundadores, acasos que direcionariam os sujeitos no sentido de suas vocações; por outro lado, aqueles que Virginia Wolf denominou *moments of being*, momentos privilegiados em que uma verdade transcendente seria percebida em um flash de intuição.

Essas formulações encontram ressonância nas narrativas da memória das comissárias de bordo da Varig que eu tive a oportunidade de conhecer e recolher durante minha pesquisa. Acaso e destino, transcendência e intuição, são pares que a princípio podem ser entendidos como opostos. No entanto, os relatos dessas mulheres sobre os caminhos que as levaram "a voar" desafiam essa lógica dicotômica e sugerem que é necessário algo de acaso para encontrar uma paixão, uma dose de aventura para chegar onde sempre quiseram estar. Virar comissárias de bordo da Varig foi, para minhas interlocutoras, a melhor coisa que lhes aconteceu; e digo "lhes aconteceu" para sublinhar que é justamente a ausência do projeto, do sonho, da expectativa e da espera que é enfatizada nos relatos. Um tipo de construção narrativa que emerge como uma forma de negociação entre a herança familiar e a vocação, entendida, como já explanou Max Weber (2004), como desígnio divino ou destinação.

Assim, quando, ao início das entrevistas, eu começava indagando os motivos da escolha dessa profissão, a primeira e mais frequente resposta que recebi foi: "eu nunca tinha pensado ser comissária de bordo". Somente duas mulheres me responderam que esse tinha sido sempre seu "sonho". Todas as demais enfatizaram certa dose de acaso, surpresa e indeterminação na aproximação a essa profissão. A experiência talvez mais curiosa nesse sentido foi a de Janine, como ela mesma enfatizou, introduzindo sua fala com a expressão "isso é muito engraçado". Em maio de 2015, quando entrevistei Janine pela primeira vez ela estava com 49 anos e, embora continuasse "na ativa" [5], estava afastada dos voos há um ano e meio por uma licença médica, devido a um problema no joelho. Janine nasceu em Nova Friburgo, mas morava no Rio de Janeiro há mais de 30 anos, quando veio para estudar turismo. Foi, então, naquela época que aconteceu o evento fundador:

> [*Janine*] Eu trabalhava numa agência de turismo. E um dia, isso é muito engraçado, porque um dia eu estava voltando do trabalho, eu devia ter mais ou menos uns 19 pra 20 anos, eu já trabalhava nessa agência de turismo. E eu vim pro Rio de Janeiro, porque minha família é do interior do Estado. Então eu vim pra cá pra estudar turismo, pra fazer faculdade de turismo, mas eu não fiz e comecei a trabalhar numa agência. [...] E eu estava voltando do meu

[5] Estar "na ativa" é uma expressão comum no meio para se referir à continuidade na profissão.

> trabalho e eu passei pelo túnel, ali da... de Copacabana, e vi uma comissária de bordo da PanAm! Ela estava com o uniforme, aquele uniforme azul claro e carregando o porta-casaco, que é onde colocavam o uniforme, e eu achei aquilo a coisa mais linda do mundo! E falei "meu Deus! É isso o que eu vou fazer!". "Eu vou ser comissária de bordo".
> [*Carolina*] E você nunca tinha pensado nisso?
> Não, não tinha pensado. Era a última coisa... Assim, sempre gostei muito de viajar, sempre..., mas não pensava nisso. Mas quando eu vi aquela figura andando, eu falei "é isso o que eu quero". E aí eu comecei a procurar as empresas. (*Entrevista com Janine, maio de 2017*).

Assim como para Janine foi a figura impactante de uma aeromoça da PanAm caminhando uniformizada pelas ruas de Copacabana, para outras mulheres o evento meio imprevisível, meio aleatório que definiria o porvir de suas vidas profissionais foi a descoberta de um anúncio no jornal, a carta de uma amiga contando sobre sua nova vida como de aeronauta, ou a sugestão algo inusitada de um amigo ou familiar.

Esse foi também o caso de Angela. Com uma segurança notável, antes mesmo de eu perguntar como ela chegou na aviação, Angela já estava me contando sobre sua trajetória profissional e disse "eu sempre tive a felicidade de trabalhar com aquilo que eu gosto". Quando gravamos a entrevista Angela tinha 57 anos e trabalhava como gerente de recursos humanos de uma multinacional. Mulher elegante, de pele branca, cabelos curtos e loiros que expõem sua origem germânica[6], Angela chegou ao Rio de Janeiro muito nova, para aproveitar uma oportunidade conquistada graças a sua capacidade de falar várias línguas. Em nossa conversa, comparando retrospectivamente suas reconversões profissionais, ela concluiu com grande satisfação: "mesmo quando eu não tinha certeza do que eu queria, eu seguia um caminho e descobria que gostava daquilo. E foi mais ou menos assim que eu entrei para a aviação".

Essas pequenas doses de acaso, incerteza e sorte no início da carreira foram componentes muito presentes nos relatos dos primeiros passos na profissão, como se subjetivamente essas mulheres tentassem se afastar de qualquer ideia de destino ou predestinação. Nesse sentido, Howard Becker afirma que as coincidências possibilitam o imaginário útil de que as coisas não são exatamente aleatórias, mas não estão completamente determinadas (Becker, 2014: 49). Para tecer alguma reflexão teórica

[6] Angela nasceu em Santa Cruz do Sul, um dos principais núcleos da colonização alemã do Rio Grande do Sul em meados do século XIX.

sobre o papel do acaso e da contingencia na vida social, tanto Becker quanto Peirano recorrem a Norbert Elias, quem tinha a preocupação por propor ferramentas conceptuais que se afastassem de oposições clássicas do pensamento social como liberdade e determinismo, ou ação e estrutura. Assim, contra uma ideia de sociedade entendida como reprodução atomística de uma soma de sujeitos, Elias propôs o conceito de *figuração*, entendido como redes ou tramas de interdependência com equilíbrios de poder mais ou menos instáveis (Elias, 2008: 16). Essa instabilidade era enfatizada pelo sociólogo, na procura de conceitos que façam justiça ao caráter processual da vida social. Especificamente, em seu estudo sobre a vida e a capacidade criativa de Mozart (1995), Elias nos lembra que a compreensão sociológica só é possível se, paralelamente à tentativa de iluminar o destino das pessoas, forem levados em conta os processos econômicos e sociais que afetam determinada figuração. Essas tramas de interdependência tornam-se mais evidentes quando observamos, a seguir, o papel da família e os processos de mobilidade que atravessam essas trajetórias.

Família e transmissão intergeracional

Se o acaso aparece como elemento central nas narrativas da escolha profissional, ele não opera isoladamente. As trajetórias são também profundamente atravessadas por relações familiares, que delimitam e orientam o campo de possibilidades. Em coerência com isso, nesta seção analiso o contexto familiar e geracional evocado pelas mulheres em suas memórias. Lembrando que se a memória evoca, a linguagem não apenas representa, mas também constrói, o que aponta para seu papel configurativo no campo da subjetividade (Arfuch, 2023).

Nessa direção, é importante observar que a presença de mulheres como parte da tripulação de um avião não foi sempre um fato incontestável. Na Varig, o primeiro voo tripulação mista ocorreu em 28 de julho de 1955, após a contratação de vinte mulheres que formariam a primeira turma feminina da companhia, até então composta apenas por homens. Essa mudança se deu no contexto de expansão da aviação comercial no pós-guerra, marcada pela consolidação institucional do setor e pela ampliação das rotas aéreas no Brasil (Monteiro, 2008). Nas décadas seguintes, especialmente nos anos 1970, o crescimento da atividade e a forte regulação estatal criaram um mercado relativamente estável para as empresas, favorecendo a ampliação das contratações. É nesse mesmo

período que a beleza e docilidade dos corpos femininos começa a ser ressaltada e manipulada nas publicidades das companhias aéreas (Castellitti, 2017), que descobrem assim um importante recurso comercial a ser explorado.

Foi nesse cenário que a geração de mulheres entrevistadas ingressou na aviação, entre o final dos anos 1970 e o início dos anos 1980. Muitas delas recordam a grande divulgação de processos seletivos em jornais e na televisão, associada à expansão do setor e à crescente demanda por mão de obra. Ainda assim, é importante notar que essa visibilidade ocorreu apenas duas ou três décadas depois da admissão das primeiras mulheres nas tripulações. Nesse contexto, não surpreende que muitas interlocutoras afirmem que "nunca tinham pensado" em se tornar comissárias de bordo. A escolha pela carreira aparece, assim, menos como um projeto elaborado desde cedo e mais como resultado de encontros, sugestões e circunstâncias específicas.

É nesse contexto que se insere a trajetória de Gisela, cuja narrativa ilumina de forma particularmente clara o papel da família na escolha profissional. Gisela nasceu em Porto Alegre em 1965 e com 21 anos saiu da casa dos pais com destino ao Rio de Janeiro, para fazer o curso na Escola de Comissários da Varig (ECV). Sair de casa para estudar e morar longe da família foram experiências que ela rapidamente identificou como compartilhadas entre nós duas; a partir daí nossas trajetórias tornavam-se aproximáveis e comunicáveis: eu fazia perguntas, mas também era interpelada a falar sobre minha própria saída de casa, meus primeiros anos no Rio e a "falta" que sentia de minha família. Foi assim, um pouco por essa aproximação, um pouco porque essa deve ser a forma que dá sentido ao relato e à identidade de Gisela, que a relação com nossas famílias foi evocada pela primeira vez, ganhando um lugar bastante presente ao longo da entrevista.

Em Porto Alegre, antes de vir para o Rio, Gisela fazia graduação em matemática e trabalhava com processamento de dados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Quando lhe perguntei como decidiu ser comissária, ela me explicou que aquele trabalho era "muito intenso", ela "estava trabalhando demais" e foi sua mãe quem achou que "ser comissária de bordo seria uma boa opção". Gisela achou a sugestão um tanto inusitada no começo. Ela "nunca tinha ouvido falar nisso", e ao mesmo tempo lhe parecia o tipo de carreira que seus pais não aprovariam. Em relação a sua mãe, ela estava enganada, pois soube depois que aquela sempre tinha lhe parecido uma profissão interessante; achava "lindas aquelas comissárias, viajando o mundo inteiro", então

"porque não minha filha?". Seu pai, de fato, nunca aprovou a escolha pela que considerava "uma profissão de vagabunda". Ainda assim, ela se inscreveu no processo seletivo e fez várias entrevistas a distância desde Porto Alegre, driblando a desaprovação do pai com a cumplicidade da mãe.

Depois de quase um ano de seleção à distância, quando Gisela finalmente foi admitida para o curso e deveria se mudar para o Rio de Janeiro, seu pai tinha adoecido e falecido. O momento da que talvez fosse uma forte ruptura familiar, nunca chegou. Sobre a influência de sua mãe, Gisela comenta:

> Ela me empurrou pra isso, eu me inscrevi pra Varig e me chamaram. (...) A Varig estava precisando de muitas comissárias em 85, isso foi em 85. Houve a chamada, foram várias chamadas no jornal, em propagandas, que chamou a atenção da minha mãe, né? E ela achou que a profissão seria interessante, que se adequaria a mim, porque eu também sempre fui muito independente, sempre gostei muito de passar férias em Montevidéu, Punta del Este, em Buenos Aires. Sempre gostei de viajar, então ela achou que se adequaria à minha pessoa. (*Entrevista com Gisela, agosto de 2017*)

Foi assim que Gisela saiu de Porto Alegre e "nunca mais pensou em voltar". Ao longo do processo seletivo e durante o curso no Rio de Janeiro ela foi se apaixonando pela profissão, que exerce até hoje, depois de conseguir se reinserir como comissária de voos executivos quando a Varig parou de funcionar. A estabilidade decorrente dos vários anos morando, trabalhando e construindo sua própria família no Rio de Janeiro – cidade de nascimento do eu marido e de suas filhas – que a levam a afirmar que nunca pensou em voltar para o Sul, não abafam a lembrança da "saudade" da família durante os primeiros anos, que ela identificou como uma das principais dificuldades dos primeiros passos na carreira.

As memórias da mudança para a "grande cidade", os desafios de morar em um hotel no centro, "sem mãe, sem pai, sozinha", sem conhecer ninguém, compõem o quadro de lembranças dos primeiros anos no Rio. Irmã caçula dos quatro filhos do casal, ao sair de Porto Alegre Gisela teve que deixar sua mãe no processo de superar a dupla ausência – do marido e da filha menor – com a companhia menos próxima dos demais filhos, já casados e construindo seus próprios lares. Ela lembra que no momento de ir embora – momento este muito presente nos relatos de minhas interlocutoras, pois

significava a aprovação para realizar o curso de formação e para muitas delas a primeira viagem para o Rio de Janeiro – perguntou para sua mãe, agora "viúva e sozinha", se ainda queria que ela fizesse o curso. Sua mãe respondeu que sim. No entanto, anos depois lhe confessou que tinha se arrependido de tê-la "mandado embora".

Observamos como a pergunta sobre a escolha da carreira conduz a uma reflexão sobre as condições em que as identidades pessoais se constroem em relação às características e dinâmicas familiares (Duarte e Gomes, 2011). Qual era a situação individual no contexto familiar? Quais os projetos e possibilidades de realização? Que caminhos eram encorajados e quais reprimidos? No relato de Gisela, comprovamos que chegou a existir um embate de projetos em termos de valores no casal progenitor: enquanto a mãe priorizou a "independência" de sua filha, o pai compartilhava um "preconceito" que muitas de minhas interlocutoras afirmaram ter enfrentado ao longo da carreira. Sensuais, independentes, "livres demais", as mulheres tripulantes passam a simbolizar, ao mesmo tempo, um objeto de desejo inalcançável e uma afronta à masculinidade dominante.

Pesquisas sobre mulheres e trajetórias profissionais sugerem que a escolha da carreira frequentemente envolve formas de transmissão transgeracional nas quais as mães desempenham papel central de incentivo e apoio. Em estudo sobre mulheres na Polícia Militar de São Paulo, Marcos Santana de Souza (2014) identifica uma tendência à reprodução familiar na corporação e observa, nas histórias de vida analisadas, o protagonismo materno no estímulo às trajetórias profissionais. Em um dos relatos citados pelo autor, por exemplo, uma sargento afirma que, embora o pai tivesse servido ao Exército, foi a admiração da mãe pelo mundo militar – expressa, entre outras formas, ao levá-la para assistir desfiles – que mais influenciou sua escolha (Souza, 2014, p. 319). De modo semelhante, em pesquisa sobre professoras de balé clássico em Niterói, Fernanda Ferreira de Abreu (2016) mostra que as mães aparecem como figuras decisivas tanto no estímulo inicial à prática quanto no apoio à continuidade da carreira, levando as filhas às aulas desde a infância e incentivando-as a persistir diante de momentos de desânimo.

À luz dessas contribuições, podemos interpretar os discursos sobre transmissão transgeracional nas trajetórias profissionais a partir da antropologia do parentesco, que concebe as relações familiares como formas de participação intersubjetiva na constituição das pessoas (Sahlins, 2011). Nessa perspectiva, escolhas profissionais não

aparecem apenas como decisões individuais, mas como processos relacionais, inscritos em redes familiares de identificação (ou rejeição), expectativas e recursos. Assim, quando os sujeitos afirmam pertencer a "famílias de tripulantes", "de médicos" ou "de advogados", evocam formas de continuidade simbólica e prática nas quais trajetórias profissionais se tornam parte da própria identidade familiar.

Esse processo, no entanto, não se reduz à reprodução direta de relações de trabalho e profissões. A literatura antropológica mostra que as identidades pessoais se constroem na interseção entre sucessão geracional, organização familiar e relações de gênero (Duarte, 2011), em contextos históricos marcados por transformações sociais mais amplas. No caso das mulheres analisadas, a relação mãe-filha adquire especial relevância. Em sociedades nas quais as mães permanecem centrais na gestão do cuidado e da socialização familiar, elas frequentemente aparecem como mediadoras das primeiras aspirações profissionais das filhas. Ao mesmo tempo, as trajetórias dessas mães são atravessadas por mudanças nas relações entre gênero, trabalho e família ocorridas ao longo da segunda metade do século XX, especialmente entre camadas médias urbanas (Lins de Barros, 2009).

Nesse sentido, as narrativas femininas sobre carreira articulam simultaneamente continuidades e rupturas geracionais. Algumas interlocutoras evocam as experiências profissionais interrompidas ou limitadas de suas mães – frequentemente mulheres que deixaram o trabalho após o casamento – como parte do horizonte a partir do qual constroem suas próprias trajetórias. Como sugere o antropólogo português João de Pina Cabral (2003), as mesmas estruturas familiares que produzem formas de subalternização também podem constituir fontes de emancipação. A memória das experiências maternas torna-se, assim, um recurso narrativo por meio do qual essas mulheres interpretam suas escolhas profissionais e refletem sobre os projetos de vida de seus próprios filhos e filhas, evidenciando o caráter relacional, histórico e socialmente situado da transmissão intergeracional. A carreira, na medida em que pode ser construída como projeto, forma parte do jogo de identificações, compartilhamento de valores, rupturas e desvios que a antropologia e a sociologia analisam na seara da problemática Indivíduo e Sociedade. A esse respeito, Gilberto Velho (2009) insistia na necessidade de ir além da simples constatação da percepção de uma interioridade, procurando identificar cortes e descontinuidades que permitam assinalar a elaboração da *singularidade*, em diferentes manifestações culturais e sociológicas.

Nessa direção, considerando ainda o papel da família – em seus diversos formatos e modalidades – na construção da identidade, me vem à cabeça a lembrança de uma conversa que ficou registrada em meu caderno de campo, do sábado 12 de novembro de 2016. Foi uma das tantas comemorações de "aniversários variguianos" das que participei, realizadas sempre no Restaurante Antigamente, no Centro do Rio de Janeiro. Naquela ocasião, eu sentei próxima a dois jovens que não conhecia, filhos de uma aniversariante que também não conhecia, que se encarregava de encher os copos deles com cerveja cada vez que percebia que o conteúdo tinha diminuído, enquanto ironizava "eles podem ter 30 anos, mas mãe é assim, continua cuidando".

Bebendo e conversando, eu fui conhecendo um pouco mais sobre eles. O rapaz tinha 22 anos, se definia como artista, trabalhava como tatuador e morava em Madureira junto com a mãe. A moça tinha 30 anos, era professora de inglês e morava em Ipanema. Em algum momento eu perguntei a eles como é ser filho de comissária de bordo e, sem duvidar, ele me respondeu: "é ser desapegado". Ele também me contou que, a diferença da irmã, que sendo 8 anos mais velha chegou a usufruir bastante da profissão da mãe, conhecendo muitos lugares do mundo, ele nunca tinha saído do Brasil. Naquele momento os três planejavam uma viajem juntos para Austrália, que a irmã bancaria após passar no concurso para o que estava se preparando.

Poucos dias tinham se passado do segundo turno da disputa municipal que elegeu a Marcelo Crivella como prefeito do Rio e nossa conversa derivou rapidamente na política local. Lembro de ter comentado meio assustada minha percepção sobre a posição política conservadora da maioria dos antigos funcionários da Varig que, além de apoiar o golpe contra Dilma, defendiam o voto em Crivella. O rapaz me respondeu que não todo o mundo era assim, por exemplo sua mãe, que "votou no Freixo, é loira de olhos azuis e teve filho com um negro". Nesse momento, a moça tirou uma foto do bolo de aniversário e postou nas redes com a mensagem "em tempos de intolerância, minha mãe faz uma queixa com esse bolo". Família, carreira, política, sexualidade, viagens, parecia estar tudo ali, junto e misturado em um bolo de aniversário.

Imagem 1 - Aniversários variguianos.



Fonte: Acervo da autora, [s.d.].

Desenraizamento e mobilidade

Se as memórias familiares estruturam simbolicamente o significado da escolha da profissão, é também no momento do êxodo do núcleo doméstico que essas trajetórias ganham novos contornos. Nesse sentido, os filmes sobre "aeromoças", um clássico de longa data, são elucidativos. Podemos tomar como exemplo o filme "Voando alto" (*View from the top*, nome original em inglês), do diretor brasileiro Bruno Barreto, estreado em 2003. Protagonizado pela atriz estadunidense Gwyneth Paltrow, o filme apresenta uma moça de família popular do interior dos Estados Unidos, que sonha com mudar de vida. Depois de acompanhar pela TV o depoimento de uma famosa tripulante da Royalty Airlines, ela decide ingressar na carreira de comissária, com o objetivo de trabalhar em voos internacionais. A partir daí o filme mostra o seu empenho em entrar para Royalty Airlines junto com as amigas do interior, até que um caso amoroso abala

seus planos profissionais. Ela deverá escolher entre o homem dos seus sonhos e a carreira dos seus sonhos.

Esse mesmo tipo de dilema repete-se em outros filmes e seriados, como o PanAm, produzido pela ABC em 2011, que estreou sua primeira e única temporada com a história de uma das personagens principais, uma belíssima comissária da Pan American, que pouco tempo depois de ingressar na carreira encontra uma foto do seu rosto impressa na capa da famosa revista Time. Recuperando a trajetória da jovem mulher, o relato nos leva para a cena do seu casamento, do qual ela acaba fugindo com a cumplicidade de sua irmã mais velha, que já trabalhava como aeromoça da PanAm. No capítulo seguinte, a mãe das moças, decepcionada com a mudança de vida da filha, acusa a primogênita de transmitir sua "inconformidade" para sua irmã menor, frente ao que ela responde: "inconformidade?! Semana passada eu passeei em elefante na Índia, e você não têm nem passaporte!". No final desse mesmo capítulo, vemos dois pilotos conversando em um bar sobre a noiva do de um deles, também comissária, que tinha desaparecido subitamente depois do pedido de casamento. Querendo consolar o amigo, um dos homens aponta para uma mesa do bar onde estavam sentadas as quatro comissárias que tinham trabalhado no voo desse dia e fala:

> - Eu sei por experiência que estas moças não são mulheres normais. Não sei, são mutações. (...) Olha para aquela mesa. Aquilo é obra da seleção natural, meu amigo. Elas não sabem que são uma nova geração de mulheres. Deu-lhes na veia de alçar voo.
> - Então não tente fazê-las pousar [*responde o amigo com uma expressão de tristeza*].

A recorrência deste tipo de relatos remete a uma representação poderosa, típica das sociedades modernas ocidentais no início da chamada era global. Se os aeronautas se consideram pessoas "diferentes", que não levam uma vida "normal", pois passam grande parte do tempo "voando", o diálogo citado é importante porque aponta para uma singularidade específica do gênero feminino. Essa "nova geração de mulheres" é caracterizada, na ficção, como mulheres muito livres, que desafiam convenções socioculturais, que são sempre normativas de gênero. Como indiquei antes, elas encarnam uma liberdade excessiva, que ao mesmo tempo seduz e amedronta. Por isso, elas frequentemente se dão mal: por serem muito irreverentes, levam sanções

disciplinares, engravidam, são traídas; por serem livres demais, arriscam os benefícios de uma "vida normal", nunca se conformam. Na ficção, a tensão entre o ideal romântico e a ruptura familiar, representada pelo conflito entre a carreira e o casamento, é levada até as últimas consequências. Na vida real das comissárias da Varig, essa tensão aparece de forma mais sutil e nuançada, e nem sempre se revela como uma contradição.

A narrativa da memória de Claudia é ilustradora desse processo. Paulista de nascimento, Claudia trabalhava no Aeroporto de Congonhas quando, motivada por uma chefa de equipe da Cruzeiro do Sul que passava sempre por ali, decidiu viajar para o Rio de Janeiro para tentar o processo seletivo. Voltou logo para São Paulo e continuou trabalhando no aeroporto, mas em poucos meses foi convocada para fazer os exames e procedimentos que formavam parte do processo de admissão. "Em vinte dias eu já estava levando a carteira de trabalho", ela se lembra. Era o ano de 1979. Sobre seu entorno familiar, ela comenta:

> Minha mãe sempre apoiou. Meu pai... Eu era a queridinha do meu pai, meu pai ficou desgarrado. Primeiro que, hoje vendo, eu era a filinha... que foi mais preparada pro casamento, pros filhos, o noivado. E alguma coisa na minha cabeça não queria isso, acho que eu nunca quis. Das três eu fui a que mais absorveu, prestou atenção aos problemas dos meus pais, e aí foi uma maneira de eu sair. Meu pai não acreditava, meu pai morria de medo de avião. E a filinha que, a gente brigava muito, mas eu era igual a ele, moreninha, não sei o que... Então eu vim me embora pro Rio de Janeiro. E minha mãe teve que contornar um pouco meu pai. [...] Não teve lugar a negociação. Eu me lembro de falar "eu estou indo fazer teste...". Pegamos o ônibus de noite, chegamos de manhã, fomos até a Cruzeiro para preencher a ficha, e foi junto, foi indo. Eu tenho a impressão de que foi bem natural. (*Entrevista com Claudia, outubro de 2017*).

Claudia comenta que o plano inicial era conseguir ser admitida na Cruzeiro para depois tentar ingressar na Varig que, como tinha base em São Paulo, permitiria que ela voltasse a morar perto da família. Mas isso nunca aconteceu, mesmo que ela tenha de fato conseguido o traslado para a Varig alguns anos depois, quando esta empresa absorveu a Cruzeiro. Nos anos seguintes Claudia teve alguns relacionamentos, morou alguns anos com um desses parceiros, mas depois se separou. Não teve filhos e desde

então mora sozinha no Rio, embora viaje seguido a São Paulo para visitar suas irmãs e sobrinhos.

Sobre a relação entre individualização e pertencimento familiar, Duarte e Gomes (2008) colocam:

> O processo de desenraizamento, concebido como parte constitutiva da individualização, pode se dar em relação aos diferentes níveis do seu mundo de origem: lugar de nascimento, corporação de trabalho, religião herdada e família. O critério essencial é a substituição do status atribuído pelo status adquirido. O afastamento da família de que emergiu o sujeito tem aí uma considerável preeminência, já que dele depende a constituição da neofamília que garantirá a continuidade indefinida do processo. O desenraizamento é pensado também como um desentranhamento da relacionalidade original. (Duarte; Gomes, 2008: 250)

Esse processo tem, sem dúvidas, um significado profundo nas trajetórias de minhas interlocutoras, principalmente nas daquelas que saíram da cidade onde cresceram e do lar familiar para fazer o curso de formação no Rio de Janeiro. Fora o caso de Claudia, que já morava em uma metrópole, para muitas, esse deslocamento simbolizou a chegada na grande cidade, onde se enfrentaram à intensificação da vida nervosa (Simmel, 1903), consequência da mudança rápida e ininterrupta de impressões interiores e exteriores. Como se fosse pouco, a partir daí sua segunda casa passaria a estar representada por aquele que já foi descrito como o emblema do não-lugar (Augé, 2007), o espaço característico dos movimentos acelerados e das relações impessoais: o aeroporto.

Se o descentranhamento da relacionalidade original tem, como modelo ideal, um processo de ascensão social, vale a pena se perguntar, no contexto da pesquisa aqui examinada, o que acontece quando essas trajetórias são interrompidas por uma falência que subitamente estremece os cimentos mais firmes da condição social alcançada. Um esforço que faz eco da necessidade de introduzir o fenômeno temporal para a compreensão das dinâmicas da cultura moderno-contemporânea, especialmente da memória, como parte de uma etnografia da duração (Rocha; Eckert, 2009). Assim, já que neste artigo me dei por tarefa escrutinar as narrativas da memória da trajetória profissional, não posso deixar de chamar a atenção sobre o "efeito de saturação cromática, afetiva, que o desencanto projeta sobre o caminho percorrido" (Duarte, 2021:

19). Esse efeito foi traduzido de diferentes formas nas palavras, cadencias e emoções transmitas nas conversas que mantivemos durante as entrevistas e também depois, nos aniversários no centro da cidade, nas passeatas, no lançamento do meu livro realizado alguns anos mais tarde no espaço construído por Thereza, outra interlocutora, em Piratininga (Niterói). Uma desilusão que provocou tristeza, raiva, perplexidade, resignação; mas que também obrigou a imaginar novos horizontes e criar novas estratégias de reinvenção. É também nesse processo de reinvenção que as narrativas foram produzidas, emergindo como gesto ou ação.

Por outro lado, propondo um sutil deslocamento das palavras para as coisas, as complexas emoções evocadas pela memória profissional, que misturam sentimentos de forte orgulho e enorme desilusão, estão depositadas também nos objetos conservados pelos antigos funcionários: uma coleção de lenços ou nécessaires, um uniforme completo, toalhas, pijamas, taças, garfos, facas, copos, cinzeiros com a logo da Varig etc. Durante as entrevistas, algumas interlocutoras se referiram a sua relação com "as coisas da Varig" como modo de explicar ou ilustrar a forma de transitar essa ruptura. "Naquele momento [quando recebeu o telegrama de demissão] eu peguei tudo da Varig e joguei no lixo, fui muito radical", expressava uma delas, contrastando essa reação com a do seu marido, também comissário, que foi diretamente procurar um advogado para "batalhar seu retorno" à empresa. "Quando eu fui devolver a mala era um cemitério", comentou outra sobre a dor da perda. Em contrapartida, aquelas que guardaram algumas coisas se questionavam o que fazer com elas. Dispersos em pequenas coleções, ou reunidos graças a empreendimentos mais dedicados e disciplinados, muitos desses objetos pareciam ter mantido suas funções utilitárias até algum tempo depois da falência, mas com o tempo foram deteriorando-se ou tirados de circulação para evitar sua extinção, atravessando uma metamorfose simbólica (Dassié, 2012) que não parecia ter um destino certo. De todo modo, apesar da desilusão, essa cultura material era testemunha de um legado que para eles vai além da memória de uma empresa e se confunde com um "patrimônio da nação brasileira".

Não teremos como aprofundar essa questão aqui, mas fica o desafio de refletir sobre o modo como a cultura material também atualiza e resinifica o fio que vai da memória à identidade, e volta. Se, como postula Arfuch, as narrativas da memória nos enfrentam com o compromisso ético da escuta, os objetos, por outro lado, estimulam os sentidos da visão, do olfato e do toque. Nas palavras de Pierre Nora (1993), os lugares

de memória são, em primeiro lugar, restos. Eles nascem e morrem do sentimento de que não existe a memória espontânea. Se o que defendem não estivesse ameaçado, não haveria necessidade de construí-los. Isso fica bastante claro nas experiências dos antigos funcionários da Varig: seja colecionando objetos ou contribuindo com uma coleção, seja escrevendo crônicas ou autobiografias, ou colaborando com seus relatos para uma pesquisa, todos reivindicam a importância de recuperar a história da companhia do "esquecimento" e do "descaso". Trata-se de uma reivindicação que não deixa de estar imbuída das lutas do coletivo de ex funcionários e aposentados pelos direitos lesados como consequência da falência.

Imagem 2 - Coleção de nécessaires



Fonte: Acervo da autora, [s.d.].

Considerações finais

As análises desenvolvidas ao longo deste artigo permitem compreender as narrativas da memória sobre a escolha profissional como um espaço privilegiado de negociação entre gênero, família e projeto de vida. Longe de expressarem decisões individuais previamente delineadas, os relatos evidenciam processos nos quais

experiências vividas, relações familiares e expectativas sociais são reinterpretadas retrospectivamente, dando forma a trajetórias que se apresentam como singulares, mas que são social e culturalmente situadas.

Nesse sentido, os diferentes planos examinados – o acaso, a família e a mobilidade – não se configuram como dimensões isoladas, mas como elementos articulados na construção narrativa dessas trajetórias. Os eventos aparentemente fortuitos, como aqueles descritos por Janine, adquirem o estatuto de momentos *moments of being* que condensam, na memória, a emergência de uma vocação. A centralidade das mães, evidenciada em casos como o de Gisela, aponta para formas de transmissão transgeracional que operam menos pela reprodução direta de profissões do que pela configuração de disposições, expectativas e possibilidades. Por sua vez, os processos de desenraizamento associados ao ingresso na carreira – frequentemente marcados pela migração para a grande cidade – revelam que essas escolhas implicam deslocamentos geográficos, sociais e relacionais que reconfiguram pertencimentos e projetos de vida.

À luz do conceito de narrativas da memória, esses relatos podem ser compreendidos como práticas enunciativas situadas, nas quais a experiência é constantemente reelaborada. Como propõe Arfuch, a instância da enunciação constitui o momento em que a multiplicidade do sujeito se articula, ainda que fugazmente, em uma unidade imaginária. Nesse processo, o desenraizamento aparece não apenas como ruptura, mas como condição de possibilidade para a construção dessa intersubjetividade, ao deslocar as interlocutoras entre diferentes mundos sociais, gêneros e gerações. Em diálogo com a noção de figuração de Norbert Elias, é possível compreender essas trajetórias como parte de tramas de interdependência instáveis, nas quais se entrecruzam transformações históricas mais amplas e experiências biográficas singulares.

Ao recuperar as trajetórias de mulheres que ingressaram na aviação comercial em um momento de expansão do setor e de reconfiguração das relações de gênero, este artigo dialoga com a proposta do dossiê ao evidenciar que a memória de mulheres constitui um campo fértil para a compreensão de processos sociais, culturais e políticos. As narrativas analisadas revelam como as relações de gênero, atravessadas por pertencimentos de classe e por dinâmicas geracionais, estruturam as possibilidades de ação e os horizontes de expectativa, ao mesmo tempo em que são tensionadas e transformadas pelas próprias trajetórias femininas.

Ao articular memória, trajetória e relações familiares em um contexto urbano, este trabalho contribui tanto para a antropologia urbana brasileira e latino-americana, quanto para os estudos sobre memória e trajetórias de mulheres, ao destacar o caráter relacional, processual e narrativamente construído das escolhas profissionais. Mais do que decisões pontuais, essas escolhas emergem como práticas situadas, nas quais se negociam heranças, afetos e projetos, evidenciando que as trajetórias femininas são constituídas na tensão entre continuidade e ruptura, entre o que é transmitido e o que é reinventado.

Referências

ABREU, Fernanda F. *Entre a aula e o palco. Carreiras de professoras de balé clássico na cidade de Niterói*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

ARFUCH, Leonor. *A vida narrada: memória, subjetividade e política*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2023.

AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia da mobilidade.* São Paulo, UNESP, 2007.

BERTAUX, Daniel. *Le récit de vie.* L'enquête et ses méthodes. Paris : Armand Colin, 2010.

BECKER, Howard. *Trucos del oficio*: c*ómo conducir su investigación en ciencias sociales.* Buenos Aires, Siglo XXI Editores, 2014.

BOURDIEU, Pierre. *El sentido práctico*. Buenos Aires, Siglo XXI Editores Argentina, 2007.

CASTELLITTI, Carolina. *Anfitriãs do céu: carreira, crise e desilusão a bordo da Varig*. Rio de Janeiro, Editora Telha, 2021.

DASSIE, Véronique. *La thésaurisation affective des objets souvenir. Du chez-soi au musée*. In : BARTHEMEY, Tiphaine ; CANDAU, Joël (dir.). Mémoire familiale, objets et économies affectives. Paris, CTHS. 2012. p. 117-130.

DUARTE, Luiz Fernando D. *O bicho e o baque da vida (como um prefácio)*. In C. Castellitti, Anfitriãs do céu: carreira, crise e desilusão a bordo da Varig. Rio de Janeiro, Editora Telha, pp. 15-19, 2021.

DUARTE, Luiz Fernando D. *Geração, Fratria e Gênero: um estudo de mandato transgeracional e subjetivação diferencial*. Trivium. Estudos Interdisciplinares, v. 3, n. 1., 2011.

DUARTE, Luiz Fernando D. e GOMES, Edlaine de Campos. *Três famílias*: *identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2008.

ROCHA, Ana L. C. DA; ECKERT, Cornelia. *Memória e ritmos temporais: o pluralismo coerente da duração no interior das dinâmicas da cultura urbano-contemporânea*. Estudos Históricos (Rio de Janeiro), v. 22, n. 43, p. 105–124, jan. 2009.

ELIAS, Norbert. *Sociología Fundamental*. Barcelona, Gedisa, 2008.

ELIAS, Norbert. *Mozart*, *sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro, Zahar, 1995.

LINS DE BARROS, Myriam. *Autoridade e afeto: Avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.

MECCIA, Ernesto. *El tiempo no para*: *Los últimos homosexuales cuentan la historia*. Santa Fe, Ediciones UNL; Buenos Aires, Eudeba, 2016.

MONTEIRO, Cristiano. *Empresários e ação política no contexto das reformas para o mercado: o caso da aviação comercial.* Revista de Sociologia Política, Curitiba, v. 16, n. suplementar, p.159-180, 2008.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, n. 10, p. 7-28, 1993.

PEIRANO, Mariza. Artimanhas do acaso. *Anuário Antropológico*, v. 14 n. 1, pp. 9-21, 1990.

PINA CABRAL, João de. *O homem na família*. Cinco ensaios de antropologia. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2003.

SAHLINS, Marshall. W*hat kinship is (part one)*. Journal of the Royal Anthropological Institute, n. 17, pp. 2-19, 2011.

SIMMEL, George. *As grandes cidades e a vida do espírito (1903)*. Mana, v. 11, n. 2, p. 577–591, out. 2005.

SOUZA, Marcos Santana de. *"Sou policial, mas sou mulher": gênero e representações sociais na Polícia Militar de São Paulo*. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

VELHO, Gilberto. *Estilo de vida urbano e modernidade*. Estudos Históricos, n°16, julho-dezembro, pp. 227-234, 1995.

VELHO, Gilberto. *Sujeito, subjetividade e projeto*. In: G. Velho e Luiz F. D. Duarte (orgs). Geração, família, sexualidade. Rio de Janeiro, 7Letras, 2009.

WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.